

**PALLOMA SANTANA DO NASCIMENTO**

**A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO SOCIAL NO PROCESSO  
DE APRENDIZAGEM E DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**GOIÂNIA**

**2021**

**PALLOMA SANTANA DO NASCIMENTO**

**A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO SOCIAL NO PROCESSO  
DE APRENDIZAGEM E DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professora Orientadora: Ma. Zélia Maria Borges

**GOIÂNIA**

**2021**

## PALLOMA SANTANA DO NASCIMENTO

### A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO SOCIAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Profª Orientadora: Ma. Zélia Maria Borges \_\_\_\_\_

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) \_\_\_\_\_ ( )

Apresentação Oral: (até 3,0) \_\_\_\_\_ ( )

Profª Convidada: Ma. Márcia Helena Curado \_\_\_\_\_

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) \_\_\_\_\_ ( )

Apresentação Oral: (até 3,0) \_\_\_\_\_ ( )

Nota Final: \_\_\_\_\_ ( )

Goiânia, \_\_\_/\_\_\_/2021

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho é dedicado ao meu Senhor Deus, ao meu papai Everton, minha mamãe Sonia pessoas que foram essenciais para eu conseguir concluir com êxito esta etapa.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer primeiramente ao meu Deus, razão do meu existir; por me ajudar a enfrentar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos meus pais que ladearam comigo, me proporcionado força ânimo e muito estímulos durante a caminhada, a minha querida irmã Pryscilla, por ser muito mais que irmã uma amiga. As amigas que foram geradas na Universidade, por compartilharem momentos incríveis comigo.

Aos professores pelos ensinamentos, em especial, à professora Zélia Maria Borges, minha orientadora que teve paciência e que me ajudou bastante a concluir este trabalho.

“Educar verdadeiramente não é ensinar fatos novos ou enumerar fórmulas prontas, mas sim preparar a mente para pensar”.

(Albert Einstein)

## SUMÁRIO

RESUMO.....	8
INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO I - A aprendizagem e o desenvolvimento da criança na perspectiva vygotskyana: concepções e possibilidades para as interações sociais.....	12
1.1 Vygotsky: vida e obra .....	12
1.2 Aprendizagem e desenvolvimento da criança na perspectiva vygotskyana: concepções e possibilidades nas interações sociais.....	13
CAPÍTULO II - A importância da interação social no processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança na Educação Infantil.....	21
2.1 O conceito de interação.....	21
2.2 A organização do tempo e dos espaços e o papel do professor como facilitador das interações da criança na Educação Infantil .....	23
2.3 A importância da interação social no processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança na Educação Infantil.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32
REFERÊNCIAS.....	34

## RESUMO

### A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO SOCIAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Palloma Santana do Nascimento\*

Zélia Maria Borges\*\*\*\*

**RESUMO:** este presente trabalho, de cunho bibliográfico, tem como objetivo abordar a importância da interação social no processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança na Educação Infantil nos mais diferentes aspectos. Sabe-se que é de grande relevância compreender, tanto no âmbito social, quanto acadêmico, as interações sociais da criança na Educação Infantil, pois nesta etapa educacional ela desenvolve o aspecto cognitivo, psicológico, afetivo, cultural, social, obtendo vivências que irão marcá-la por toda sua vida. Para isso, faz-se necessário o professor organizar o espaço da instituição, para que nele seja possível possibilitar momentos de convivência entre os sujeitos criança e adultos planejando propostas que as instiguem a avançar na sua aprendizagem e no seu desenvolvimento integral.

**Palavras-chave:** Criança. Interação Social. Aprendizagem. Desenvolvimento. Educação Infantil

---

\* Graduanda do Curso de Pedagogia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

\*\*\*\* Professora da EFPH da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Mestre em Educação.



## INTRODUÇÃO

Este trabalho acadêmico realizado como exigência da disciplina de Monografia do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás consiste na elaboração de uma Monografia, que tem a finalidade de discutir a respeito de como a interação social pode ajudar no processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança, por meio do convívio social com os colegas, professores e funcionários de uma instituição de Educação Infantil. A intenção é apresentar como a interação social na Educação Infantil pode contribuir, não só no processo de construção do conhecimento, mas, também, na formação do sujeito e de suas ações.

Portanto, esta Monografia tem como proposta fundamental abordar a importância da interação social no processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança na Educação Infantil. Para essa abordagem levanta-se o seguinte problema de investigação: qual a importância da interação social no processo de aprendizagem e de desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil?

O interesse por esse estudo surgiu a partir da experiência vivenciada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID - o qual proporcionou o acompanhamento das atividades com as crianças em um Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI. No trabalho realizado com as crianças que frequentam a instituição observou-se a importância da interação social para a aprendizagem e o seu desenvolvimento nos mais diversos aspectos.

Para tanto, os objetivos desta Monografia são: compreender a importância da interação social no processo de aprendizagem e desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil; realizar uma pesquisa bibliográfica para entender o tema; identificar no material selecionado como são conceituadas, apresentadas e abordadas as categorias aprendizagem, desenvolvimento infantil e interação social da criança; analisar a partir do estudo bibliográfico realizado, a importância da interação social para a aprendizagem e o desenvolvimento integral da criança.

Neste sentido, esta Monografia tem seu aporte metodológico na pesquisa bibliográfica com análise qualitativa. De acordo com Severino (2013, p. 106) a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Dessa forma, a presente Monografia encontra-se estruturada em dois capítulos: O primeiro capítulo intitulado “A aprendizagem e o desenvolvimento da criança na perspectiva vygotskyana: concepções e possibilidades para as interações sociais” as contribuições teóricas das autoras Oliveira (2010); Rego (1996); destacam a importância das interações sociais na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças. As autoras apresentam a teoria de Vygotsky que, ao destacar os processos de aprendizagem e de desenvolvimento da criança, afirma que o nível de desenvolvimento real e o potencial, ajuda compreender em que, e o que a criança tem e pode ainda desenvolver, como também sua capacidade de fazer com o auxílio do outro.

O segundo capítulo: “A importância da interação social no processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança na Educação Infantil” apresenta a importância que Vygotsky atribui às interações sociais e ao papel dos professores como impulsionadores do desenvolvimento integral das crianças, e autor apresenta ainda a necessidade de os educadores propiciarem atividades que contribuam com o desenvolvimento do pensamento e da linguagem da criança para elaborar suas ideias.

Partindo das ideias de Vygotsky, há de se afirmar o quanto o adulto contribui para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, sendo um facilitador e, porque não dizer co-construtor da formação integral da criança. O professor também é um facilitador das interações do sujeito com o meio em que ele vive, construindo um espaço e um ambiente no qual a criança consiga trocar experiências, cultura, saberes com outras crianças e com o professor, assim sendo ela desenvolverá um campo de aprendizagens e autonomia. De acordo com a perspectiva vygotskyana, a interação entre as crianças favorece a

aprendizagem e o desenvolvimento, através das interações que os sujeitos vão fazendo ao longo do processo ensino e aprendizagem.

Portanto, esta Monografia realiza um estudo acerca da importância da interação social no processo de aprendizagem e desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil, que é uma das etapas mais importantes no desenvolvimento do sujeito. Nesta fase ela desenvolve a parte cognitiva e psicológica, obtendo vivências que irão marcá-la por toda sua vida. A interação é um aspecto relevante para um bom desenvolvimento, seja ela com um adulto, crianças da mesma faixa etária e com crianças de idades diferentes. As interações criança-criança são ricas em conteúdo e variam nos diferentes contextos, em consequência de elementos como o tamanho do grupo, os objetos disponíveis, o tipo de atividade, entre outras.

Dessa forma, após a pesquisa bibliográfica realizada, elegeu-se os seguintes autores para a discussão proposta: OLIVEIRA (2010); VYGOTSKY (*apud* REGO, 1996); REGO (1996); ANTUNES (2012); CARVALHO (*apud* ROSSETTI-FERREIRA *et al*, 2012); ZABALZA e FORNERO (*apud* BARBOSA e HORN, 2008); AMORIM (1994); WALLON (*apud* WEREBE e NADEL, 1986).

## CAPÍTULO 1

### A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA VYGOTSKYANA: CONCEPÇÕES E POSSIBILIDADES PARA AS INTERAÇÕES SOCIAIS

Neste capítulo discute-se as concepções de aprendizagem e de desenvolvimento e as possibilidades para as interações sociais da criança na perspectiva vygotkyana. A aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo das crianças ocorrem por meio da interação social, ou seja, através das relações sociais dos sujeitos entre si e com o meio. A partir dessa contribuição da teoria de Vygotsky e superando sua relação com outras teorias psicológicas, faremos alguns apontamentos sobre os mais abrangentes conceitos de aprendizagem e de desenvolvimento, a teoria histórico e cultural, mais especificamente, como referência para o processo de aprendizagem. Neste sentido, os autores que contribuirão com a discussão neste capítulo são: OLIVEIRA (2010); VYGOTSKY (*apud* REGO, 1996); REGO (1996).

#### 1.1 Vygotsky: vida e obra

Lev Semyonovitch Vygotsky foi um psicólogo, descoberto nos meios acadêmicos ocidentais depois da sua morte, aos 38 anos. Pensador importante foi pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual ocorre em função das interações sociais e condições de vida das crianças. Realizou diversos estudos sobre desenvolvimento da aprendizagem e do papel dominante das relações sociais, que originou uma corrente de pensamento denominada Sócio Construtivismo.

Vygotsky nasceu em 1896 em Orsha, pequena cidade perto de Minsk, a capital da Bielo-Rússia, região então dominado pela Rússia. Seus pais eram de uma família judaica culta e com boas condições econômicas, o que permitiu a Vygotsky uma formação sólida desde criança. Ele teve um tutor que o

acompanhou até entrar no curso secundário e se dedicou desde cedo a muitas leituras.

Aos 18 anos, matriculou-se no curso de medicina em Moscou, mas acabou cursando a faculdade de direito. Formado, retornou para Gomel, na Bielo-Rússia, em 1917, ano da revolução bolchevique, que ele apoiou. Lecionou literatura, estética e história da arte, fundou um laboratório de Psicologia, área em que rapidamente ganhou destaque graças a sua cultura enciclopédia, tendo produzido mais de 200 trabalhos científicos.

Seis anos depois, em 1924, aos 28 anos de idade, casou-se com Roza Smekhova, e tiveram duas filhas. Em 1934, publicou "A Psicologia da Arte", um estudo sobre Hamlet, de William Shakespeare, cuja origem é sua dissertação de mestrado. No período de 1917 a 1924 lecionou Literatura e Psicologia em Gomel e fundou a revista literária Verask.

Em 1924 iniciou seu trabalho sistemático com auxílio de estudantes e colaboradores, com uma série de pesquisas em Psicologia do Desenvolvimento, Educação e Psicopatologia. Neste ano ainda participa do II Congresso de Psiconeurologia (estudo das interações entre cérebro e mente) em Leningrado, onde expõe com uma clareza impressionante para um jovem de 28 anos, o tema da relação entre reflexos condicionados e comportamento consciente do homem. Em 1925 até 1934 Vygotsky lecionou Psicologia e Pedagogia em Moscou e Leningrado, e em 1934 morre vítima de Tuberculose.

## **1.2 Aprendizagem e desenvolvimento da criança na perspectiva vygotskyana: concepções e possibilidades nas interações sociais**

A professora Marta Kohl de Oliveira (2010), estudiosa de Vygotsky, ressalta importantes pontos na teoria de Vygotsky. Segundo a autora, para Vygotsky "o homem biológico transforma-se em social por meio de um processo de internalização e atividades, comportamentos e signos culturalmente desenvolvidos" (OLIVEIRA, 2010, p. 24).

Para Vygotsky a aprendizagem e o desenvolvimento são aspectos muito importantes, pois para ele o desenvolvimento é promovido pela aprendizagem, e a interação entre meio e indivíduo é fundamental nesse processo. A criança

internaliza as interações com o ambiente e assim ocorre o desenvolvimento, que acontece de fora para dentro. A cultura é uma das principais influências para que ocorra o desenvolvimento mental, ela indica os caminhos e também as peculiaridades da sua conexão com o mundo.

Vygotsky aponta que “o homem não nasce humano, mas se humaniza”, então a partir do contato da criança com a cultura com o grupo social, no qual está inserida é a partir disso que se desenvolvem as funções psicológicas superiores.

De acordo com OLIVEIRA (2010) o processo de aprendizado é muito importante para Vygotsky. Segundo ele, desde o nascimento da criança, o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento e é “um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (VYGOTSKY, 1984, *apud* OLIVEIRA, 2010).

Segundo Vygotsky o desenvolvimento é entendido como um processo de construção social, portanto, a interação social desempenha um papel fundamental. No pensamento de Vygotsky a criança não se desenvolve com aquilo que inato de seu ser, para ele o fator contribuinte para desenvolver a cultura do indivíduo e a sua interação com o meio social em que ele vive, já que as formas psicológicas mais complexas emergem da vida social. Deste modo, o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro, dando sentido à realidade.

A importância que Vygotsky dá ao desenvolvimento social se reflete na expressão de conceitos específicos de sua teoria, o que é essencial para entender seu pensamento sobre a relação entre desenvolvimento e aprendizagem. Outro conceito inovador proposto por Vygotsky é o de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Segundo Oliveira (2010), Vygotsky observou que algumas atividades podem ser realizadas sem a ajuda de outras pessoas, por corresponderem a conceitos já internalizados pelo indivíduo, ao que denominou nível de desenvolvimento real. Por outro lado, o nível de desenvolvimento potencial nos permite realizar certas tarefas com a ajuda de outros.

A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) corresponde à distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da

solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1984, p. 97, *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 60).

Para Vygotsky o nível de desenvolvimento real da criança representa o desenvolvimento de forma retrospectiva, ou seja, refere-se ao estágio que foi alcançado e conquistado pela criança. Em um determinado estágio da vida de uma criança, suas funções mentais tornaram-se parte de seu nível de desenvolvimento real, e essas funções foram estabelecidas naquele momento. São resultado de processos de desenvolvimento já concluído.

Vygotsky (*apud* OLIVEIRA, 2010) chamou a atenção para os seguintes fatos: para entender corretamente o desenvolvimento, devemos considerar não apenas o nível real de desenvolvimento da criança, mas também seu nível potencial de desenvolvimento, ou seja, sua capacidade de realizar tarefas com a ajuda de adultos. Em outras palavras, a capacidade de se beneficiar da colaboração de outros aparecerá em um certo nível de desenvolvimento, e não antes. Uma criança que ainda não sabe andar sozinha só pode andar com a ajuda de um adulto que a segure com as mãos depois de certo grau de desenvolvimento. Portanto, a ideia do nível de desenvolvimento potencial capta o momento do desenvolvimento. A característica deste momento não é uma fase que foi alcançada e consolidada, mas sim, uma fase posterior em que a intervenção de terceiros afetará significativamente os resultados de ações individuais.

De acordo com Oliveira (2010) segundo o conceito de Vygotsky, à interação social é de grande importância no processo de estabelecimento das funções psicológicas humanas. O desenvolvimento pessoal ocorre em um ambiente social específico, em diferentes campos e níveis da atividade humana, o relacionamento com os outros é essencial para desconstruir a existência psicológica individual. Com base no pressuposto da existência desses dois níveis de desenvolvimento (real e potencial), Vygotsky definiu a área de desenvolvimento próximo como:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar por meio da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por

meio da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1984, p. 97, *apud* OLIVEIRA, 2010).

A professora Teresa Cristina Rego (1996) afirma que Vygotsky, já fazia leitura de alguns críticos, a saber, às concepções inatista e ambientalista do desenvolvimento humano; a concepção inatista é que a criança está madura, isto é, pronta só esperando o momento para se mostrar, contradizendo com a linha desenvolvida pelos ambientalistas que já vê esse ser, como uma página em branco, que só irá se modificar frente as coações do meio em que vive. Entretanto, Vygotsky (*apud* REGO, 1996) faz uma leitura diferente. Para ele o indivíduo é um ser ativo co-construtor de sua vida, isto é, capaz de transformar a si mesmo como também o meio em que vive.

De acordo com Rego (1996), a contribuição Vygotskiana tornou, mais claro o entendimento do desenvolvimento da psique humana, com relação ao indivíduo e a sociedade, com isso ele trouxe um novo olhar para esse fenômeno “indivíduo e sociedade”, pois para Vygotsky o sujeito é transformado, e sendo transformado dentro de uma determinada cultura, em campo de reciprocidade, contribui com o avanço do outro. Dessa forma, justificando a concepção sócio-interacionista empregada quando se menciona o pensamento vygotskyano. Em efeito dessa tese, se opõe as abordagens inatista e ambientalista na proporção em que suas limitações são mencionadas, (inicialmente pela supervalorização dos aspectos hereditários, negligenciando as influências midiáticas, e em segundo, por sua etapa exagerada de coações midiáticas), e sugerem novas bases para o entendimento das atividades humanas.

Segundo Rego (1996) a abordagem vygotskyana não enfatiza apenas a uma somática entre os aspectos inatos, mas a uma interação dialética, entre o sujeito do meio social e cultural onde está inserido. O pensamento de Vygotsky implica diferentes maneiras de conduta do processo de ensino e da aprendizagem escolar, com o reconhecimento das inter-relações presentes em um ambiente não social, dos conhecimentos que os alunos aprenderam compartilhar um saber, baseado em informações do senso comum para formas de conhecimento mais sistematizados. Esse conceito apresenta as ideias de Vygotsky e suas contribuições para a Educação Escolar. Vygotsky (*apud* REGO, 1996) confronta alguns métodos de educação, como o papel escolar que é de



suma importância para o conhecimento sistemático, pois demonstra o caminho do sucesso e da aprendizagem, e enfatiza que o primeiro filho aprende a se desenvolver. A criança constrói seu próprio desenvolvimento sendo um sujeito ativo em sua construção.

Segundo Rego (1996, *apud* REGO, 1996, p. 96), para Vygotsky o homem consegue se desenvolver e aprender quando tem mediação com seu grupo cultural. Desse modo, os valores, as funções psíquicas, os hábitos, dentre outros aspectos da vida humana, estão intimamente vinculados ao aprendizado. Para Rego (1996, p. 96), a educação tem um papel de suma importância no desempenho e no desenvolvimento das funções psicológicas *complexas*, como, por exemplo, agir de modo consciente, de autogovernar-se (aspectos diretamente relacionados à disciplina). Neste sentido, Rego (1996) observa:

A obra de Vygotsky pode significar uma grande contribuição para a área da educação, na medida em que traz importantes reflexões sobre o processo de formação das características psicológicas tipicamente humanas e, como consequência, suscita questionamentos, aponta diretrizes e instiga a formulação de alternativas no plano pedagógico. No entanto, vale ressaltar que não é possível encontrar, nas suas teses (como em outras propostas teóricas), soluções práticas ou instrumentos metodológicos de imediata aplicação na prática educativa cotidiana. Esse impedimento se deve não somente às peculiaridades de sua obra, como também à própria problemática envolvida no complexo estabelecimento de diálogo entre as teorias e a prática pedagógica. Guardadas as devidas limitações, suas produções possibilitam a análise psicológica de algumas questões relacionadas ao ensino e sugerem uma reavaliação de aspectos já consagrados no campo educacional (REGO, 1996, p.102-103).

Isso infere que os estudos de Vygotsky motivaram de forma significativa o exercício pedagógico, não no sentido de tentar um procedimento real, mas no sentido de proporcionar reflexões em busca de atividade e práticas educativas eficazes.

As contribuições vygostskiana para a educação não foram de um todo prontas redondinhas, no plano pedagógico, entretanto, suas contribuições em suas reflexões facilitaram uma conversa entre as teorias e a prática pedagógica, partindo do conceito de zona proximal. Vygotsky traz reflexão e compreensão sobre a espiral teoria para a prática e a prática para a teoria, resultando assim num ensino, aprendizagem e desenvolvimento, o indivíduo se forma da experiência culturalmente absorvida, fatores sociais, políticos, econômicos e

individuais constroem a realidade da sala de aula assim ocorre a transformação do ser humano:

A leitura da obra de Vygotsky permite identificar, em várias passagens, a atenção especial que dedica à educação escolar. Sua preocupação com esse tema é coerente com a perspectiva histórica, que considera fundamental a análise das condições concretas para o desenvolvimento de um tipo de cognição. (...) ele chama a atenção para o fato de que a escola, por oferecer conteúdo e desenvolver modalidades de pensamento bastante específicas, tem um papel diferente e insubstituível, na apropriação pelo sujeito da experiência culturalmente acumulada. Justamente por isso, ela representa o elemento imprescindível para a realização plena do desenvolvimento dos indivíduos (que vivem em sociedade escolarizada) já que promove um modo mais sofisticado de analisar e generalizar os elementos da realidade: o pensamento conceitual (REGO, 1996, p.103-104).

Vygotsky (*apud* Rego, 1996) deixa sobressalente a sua atenção, em especial relacionada à valorização da sala de aula, a escola oferece um conteúdo que prioriza a preparação moral e intelectual. É importante observar que na escola as atividades educativas, são diferentes das que ocorrem no ambiente extraescolar, elas são sistematizadas e têm função de passar o conteúdo formalmente organizado. Nesse contexto, o desafio para as crianças é pensar, compreender e tomar consciência de seus próprios processos psicológicos.

O bom ensino é precursor do desenvolvimento, a qualidade do trabalho pedagógico vem com a capacidade de promover avanços no desenvolvimento do educando. Sendo assim, a escola desempenha seu papel quando leva a criança ao saber, partindo do que a criança já sabe do seu conhecimento do mundo, pois vai partir dela a iniciativa de ampliar a construção de novos conhecimentos, relacionando o que é visto em aulas em seu cotidiano, dando ao aluno a possibilidade de duvidar, questionar, de buscar, promovendo assim a sua autonomia. Segundo Rego (1996):

Vygotsky afirma que o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento, ou seja, que se dirige às funções psicológicas que estão em vias de se completarem. Essa dimensão prospectiva do desenvolvimento psicológico é de grande importância para a educação, pois permite a compreensão de processo de desenvolvimento que, embora presente no indivíduo, necessitam da intervenção, da colaboração de parceiros mais experientes da cultura para se consolidarem e, como consequência, ajuda a definir o campo e as possibilidades da atuação pedagógica (REGO, 1996, p.107).

Na perspectiva de Vygotsky (*apud* REGO, 1996) através da interação com as pessoas a criança pode ter uma troca de experiência e informação a qual permite que se tenha o conhecimento mais amplo. É fundamental que o professor oriente os alunos, não como o mediador do conhecimento, mas como um orientador na troca de informação. A imitação desenvolve a capacidade cognitiva da criança, desenvolvendo nela habilidades e conceitos centrados no conhecimento que ela já conhece tem. Imitar não é copiar. Por meio da imitação a criança internaliza regras, conceitos, valores e comportamentos internos, auxiliando no processo de desenvolvimento individual e coletivo:

Através da imitação as crianças são capazes de realizar ações que ultrapassam o limite de suas capacidades, como por exemplo, uma criança pequena, ainda não alfabetizada, pode imitar e “escrever” uma lista com os nomes dos jogos seu time preferido. Deste modo ela estará internalizando os usos e função da escrita e promovendo o desenvolvimento de funções psicológicas que permitirão o domínio da escrita. É nesse sentido que Vygotsky afirma que a imitação é uma das formas das crianças internalizarem o conhecimento externo (REGO, 1996, p.112).

A perspectiva histórico-cultural da educação, segundo Vygotsky, é o ponto de partida para fazer da teoria a prática e vice-versa num processo contínuo de construção de conhecimentos. O professor não é o foco, mas sim, o conhecimento em seu amplo sentido, que não se restringe as quatro paredes de uma sala de aula, mas da gama de possibilidades decorrentes da interação com o meio, do contexto histórico, social, político, econômico e pessoal, onde a transformação acontece através de relações interpessoais de trocas recíprocas, da liberdade de intervir, se modificar em relação ao mundo onde se afirma como ser humano, que se desafia na construção do seu conhecimento, e também para dominar esse conhecimento.

Após os estudos realizados neste capítulo é perceptível o quanto Vygotsky contribui para as teorias que aprofundam nas questões da aprendizagem e do desenvolvimento da criança, bem como para a discussão acerca da importância das interações sociais da criança com o outro e com o meio no qual ela interage em sua construção psicoeducativa. Os estudos de Vygotsky são de grande importância para a formação do pedagogo no sentido de contribuir com sua formação para que esta compreensão dos processos de

formação das estruturas de linguagem e de pensamento da criança através das interações sociais. No capítulo a seguir aprofundaremos nessa discussão.

## CAPÍTULO 2

### **A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO SOCIAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Neste capítulo discutir-se-á a teoria de Vygotsky que concebe o desenvolvimento humano a partir das relações sociais que o sujeito estabelece no decorrer da vida, e a importância de compreender esse processo para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança na Educação Infantil. O processo de ensino e aprendizagem também se constitui nas interações históricas, sociais e culturais que vão se dando nos diversos contextos sociais. A sala de aula deve ser considerada um lugar privilegiado de sistematização do conhecimento e o professor um articulador na construção do saber.

Tendo como base tais pressupostos teóricos, este capítulo sistematiza alguns pontos da teoria destacando a importância do trabalho do professor nesta perspectiva junto as crianças. Nesse sentido, os autores que contribuirão com os estudos neste capítulo são: ANTUNES (2012); CARVALHO (apud ROSSETTI-FERREIRA et al, 2012); ZABALZA e FORNERO (apud BARBOSA E HORN, 2008); AMORIM (1994); WALLON (apud WEREBE e NADEL, 1986).

#### **2.1 O conceito de interação**

De acordo com Antunes (2012) a aprendizagem pode ser realizada com ou sem influência de outro sujeito. Chorar não se aprende com ninguém, mas o acolhimento ao chorar ajuda a fortalecer a experiência e, dessa forma, esse tipo de mediação pode se organizar no cérebro. De acordo com o autor, toda mediação proposital é para aprender e caracterizar o que chamamos de interação. Antunes (2012) afirma que:

Toda intervenção intencional e voltada à aprendizagem caracteriza o que denominamos **interação**. **Interagir, dessa maneira é ação que o adulto exerce em relação ao outro e que o ajuda a consolidar suas aprendizagens a partir da experiência** (ANTUNES, 2012, p. 19).

Segundo Antunes (2012) a interação nem sempre envolve apenas adultos e crianças, por isso, as crianças aprendem junto com os adultos ou outras crianças, mas dificilmente sem uma interação. A mãe que alimenta o bebê sacia sua fome, mas quando se apaixona por esse comportamento, está interagindo e espalhando mais do que um alimento necessário:

É por esse motivo que a interação do educador com a criança pode ser intencional, e, desse modo, está ajudando voluntariamente a criança a aprender, mas pode ser também não intencional, e, nesse caso, necessita estar sempre atenta à maneira como age, pois o cérebro infantil também consolida aprendizagem com tudo quanto percebe na ação adulta. Ensinar exige a intenção por parte do professor, mas o aprender infantil pode ocorrer com o que a criança também observa e sente (ANTUNES, 2012. p.19-20).

O aprendizado está relacionado aos processos de desenvolvimento, e mencioná-los nos relacionamentos é essencial, especialmente com as crianças. No entanto, sabemos que existem diferentes maneiras de entender como esses exemplos, aprendizagem e desenvolvimento estão relacionados e conceituados. Segundo Antunes (2012) por se tratar dos primeiros anos de vida, de acordo com a escala de desenvolvimento construída pela psicologia, as crianças são classificadas de acordo com seu desempenho em habilidades motoras, linguagem e relações sociais, por isso, muitas vezes, ocorre em creches e jardins de infância.

Para Antunes (2012) a ação do educador é fundamental nesta fase, pois quando ele quer avaliar se a criança compreendeu um conceito, a questão que deve ser mencionada é aquela que possibilita à criança internalizar sua fala e dialogar consigo mesma:

Uma atenção especial é reservada ao educador infantil sempre quando a atividade interativa proposta destaca perguntas e desafios para refletir. Mas um detalhe é essencial, um bom desafio, um estímulo cerebral congruente tem que estar plenamente sintonizado à capacidade da criança de encontrar respostas e dessa forma, uma pergunta, pistas para o alcance satisfatório da resposta é verdadeiro ato interativo (ANTUNES, 2012, p. 20).

Neste sentido, para Antunes (2012) o educador infantil é aquele que consolida experiências a partir das ações que intencionalmente planeja e realiza com as crianças, possibilitando a interação adulto criança e criança criança.

## **2.2 A organização do tempo e dos espaços e o papel do professor como facilitador das interações da criança na Educação Infantil**

Acredita-se que falar da importância da interação social no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança requer falar da organização do trabalho pedagógico na sala, levando em conta os tempos e os espaços de aprendizagem da criança. De acordo com Barbosa e Horn (2008) a organização do ensino é uma proposta pedagógica que contempla a concepção de ensino e aprendizagem, educação e de maneiras de organizar o espaço. Segundo as autoras é fundamental permitir que “o mundo entre na sala de aula” (BARBOSA e HORN, 2008, p. 46). A sala de aula não deve ser estruturada centrada na figura do adulto, com lugares e materiais definidos previamente, os quais não permite novas interações das crianças com o meio, novos olhares das crianças da realidade em que se inserem. A sala é um microuniverso, em que relações e fatores complexos se inter-relacionam como elementos estruturais da prática docente. Nessa situação inclui a “interação entre tempo, espaço, crianças e crianças, crianças e professores e crianças e comunidade escolar” (BARBOSA e HORN, 2008, p. 46).

A organização do tempo e do espaço na Educação Infantil, contribui para o professor facilitar a relação entre as crianças e o conhecimento e entre as crianças e o mundo ao seu redor. Desse modo, cabe ao professor refletir como tem organizado o espaço e o tempo, e como ele organiza o ambiente para que as relações de aprendizagem possam ser realizadas. Neste sentido, as autoras afirmam:

Organizar o cotidiano das crianças na Escola Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo

de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades. É importante que o educador observe que as crianças brincam, como estas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados. Este conhecimento é fundamental para que a estruturação espaço-tempo tenha significado (BARBOSA e HORN, 2001, p. 67).

Zabalza e Fornero (*apud* BARBOSA e HORN, 2008, p. 48) fazem uma distinção interessante entre espaço e ambiente, embora sejam conceitos densamente relacionados. Observam que o termo espaço se refere aos locais onde são realizadas as atividades, e é caracterizado por objetos, móveis, materiais didáticos e decorações. Por sua vez, o ambiente envolve todo o espaço físico e as relações nele estabelecidas, que envolvem as relações afetivas e interpessoais dos sujeitos (adultos e crianças) envolvidos no processo:

O espaço é então entendido em uma perspectiva definida em diferentes dimensões: a física, a funcional, a temporal e a relacional, legitimando-se como um elemento curricular. Nessa perspectiva, estrutura oportunidades para a aprendizagem por meio das interações possíveis entre as crianças e os objetos e delas entre si. A partir dessa compreensão, o espaço nunca é neutro, podendo ser estimulante ou limitador de aprendizagens, dependendo das estruturas especiais que estão postas e das linguagens que estão representadas (HORN, 2004, p. 49).

Para Barbosa e Horn (2008) a sugestão pedagógica decorrente dessa ideia é que a estruturação do espaço intervém significativamente nas aprendizagens infantis, ou seja, quanto, mas o espaço for desafiador e promover atividade conjuntas entre parceiros, consentido que as crianças se afastam da figura do adulto, mais fortemente se estabelecerá, como gerador de novas e significativas aprendizagens, dando a compreensão, do quanto é relevante, pensarmos o espaço e sua organização.

Rossetti-Ferreira (et al, 2012) oferecem contribuições em seus estudos sobre como organizar o ambiente da Educação Infantil de modo que influencie no desenvolvimento do educando. Mara Carvalho e Renata Meneghini (*apud* ROSSETTI-FERREIRA et al., 2012) discutem no artigo “Estruturando a sala” a organização de “cantinhos” como algo de suma importância para a criança e essa discussão é bastante atual nas instituições da Educação Infantil. Muitos educadores tentam organizar suas salas como um recanto de atividades diversas, o que ocorre nessa organização é que, nem sempre, ela está



estruturada no entendimento da criança, e do ensino que o sustente, em razão disso acabam sendo abandonados, e voltando ao modelo anterior, que costuma se basear no uso do espaço colocando, os professores no centro das atenções e tendo as crianças ao seu lado na maior parte do tempo.

Carvalho e Meneghini (2012) destacam que “O educador organiza o espaço de acordo com suas idéias sobre desenvolvimento infantil e de acordo com seus objetivos, mesmo sem perceber” (p. 150). Ao educador ou a educadora da Educação Infantil organizar sua sala em espaços vazios, com poucos móveis, os objetos e equipamentos se apoiam em um arranjo espacial aberto.

Segundo Carvalho e Meneghini (2012) é muito comum encontrar na Educação Infantil grande quantidade de crianças pequenas apenas para um educador, com isso o educador necessita reorganizar o espaço da sala, quando enfrentam alguns obstáculos, como recursos insuficientes, falta de apoio da equipe gestora da escola e condições insuficientes da própria instituição de Educação Infantil. As autoras afirmam que observa-se que na formação do professor existem algumas lacunas que os impedem de pensar na organização da sala a partir do espaço semiaberto.

As professoras Carvalho e Meneghini (2012) explicam como podem ser utilizados móveis baixos para formar cantinhos ou zonas circunscritas, a principal característica das áreas restritas é que elas são fechadas em pelo menos três lados, independente do material que a educadora coloque ou o que as crianças brinquem com elas. Desta forma, o professor pode usar pequenas mesas ou cadeiras para delimitar essas áreas. Também podem ser compostos por caixas ou cabines de madeira, desde que tenham aberturas. A cabine pode ser criada usando o espaço sob a mesa e colocando um pedaço de pano em ambos os lados, incluindo uma abertura, como uma porta. As cortinas também podem ser usadas para fechar um ou ambos os lados:

É importante que a criança possa ver facilmente a educadora, senão ela não ficará muito tempo dentro dessas áreas circunstanciais. Isso porque a criança pequena, até cerca de três anos, necessita da proximidade física ou visual de quem cuida dela, para que se sinta segura. É por isso que o educador deve utilizar, na delimitação dessas áreas, móveis ou elementos que permitam à criança vê-lo. Os materiais utilizados devem ser resistentes e não tão leves, senão em pouco tempo as crianças os arrastarão pela sala, não só destruindo-os como também modificando rapidamente o que foi planejado com tanto cuidado! (ROSSETTI-FERREIRA et al, 2012, p. 151).

É muito importante que as crianças brinquem nas zonas circunscritas, assim elas passam mais tempo interagindo uma com as outras e participando das atividades. Desse modo, elas precisam de menos atenção dos educadores, e os professores podem monitorar o desenvolvimento de diferentes crianças, atendendo uma e outro observando se os materiais fornecidos atendem aos objetivos que deseja alcançar, ou seja, o desenvolvimento individual das crianças, e o desenvolvimento de todo o grupo, preparando momentos para as crianças e proporcionando-lhes novos aprendizados.

Mara Campos de Carvalho (*apud* Rossetti-Ferreira et al. 2012) no capítulo “Por que as crianças gostam de áreas fechadas?” a zona circunscrita é essencial na Educação Infantil, pois ela proporciona proteção e privacidade às crianças, fazendo com que elas prestem mais atenção às atividades e comportamentos de seus colegas, e participem das brincadeiras de canto fornecidas pelo professor ou professora. O educador ao compreender que as crianças necessitam aprender a trabalhar em um espaço limitado, principalmente se estão acostumadas a interagir em arranjo espacial aberto, devem sempre orientar as atividades e sempre intervir diretamente nas ações e relações das crianças com os pares e com o meio ambiente.

Carvalho (2012) alerta os educadores da Educação Infantil para a realidade de que, mesmo no arranjo espacial semi-aberto, as áreas circunscritas não precisam tomar todo o espaço das salas da Educação Infantil. Outras áreas que não sejam necessariamente delimitadas por três ou quatro lados também devem ser oferecidas para as crianças como, por exemplo, espaços com mesinhas e cadeiras para execução de atividades de colagem, pintura, lápis e papel, espaços sem delimitação com almofadas e tapetes para contação de histórias.

### **2.3 A importância da interação social no processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança na Educação Infantil**

No livro “Vygotky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo, o autor João Carlos Martins (1997) apresenta a reflexão sobre a importância das trocas entre parceiros como momentos

significativos no processo ensino e aprendizagem, necessariamente, à psicologia sócio-histórica como paradigma das reflexões, que sugere os objetivos e as finalidades que deva ter a ação educativa. O autor afirma que no contexto em que vivemos e na realidade manifesta em nosso país, é que a meta do trabalho educativo é de criar condições para que os alunos se tornem cidadãos que pensem e atuem por si mesmos. Acima de tudo capacidade de movimento de compreensão do mundo que aparece dialeticamente na escola, para que na troca e no diálogo com o outro, construa o seu ponto de regulação para um pensar competente e comprometido com determinadas práticas sociais (MARTINS, 1997).

Segundo o autor a reflexão da psicologia sócio-histórica, e, dentro dela, as práticas sociointeracionistas são as que acenam para caminhos diferentes daqueles propostos pela escola mais tradicional. A Psicologia sócio-histórica traz em seu bojo a concepção de que todo homem se constitui como ser humano pelas relações que estabelece com os outros. Desde o nascimento somos socialmente dependentes dos outros e entramos em um processo histórico que, de um lado, nos oferece os dados sobre o mundo e visões sobre ele e, de outro lado, permite a construção de uma visão pessoal sobre este mesmo mundo. O momento do nascimento de cada um está inserido em um tempo e em um espaço em movimento constante (MARTINS, 1997).

Martins (1997) afirma que como seres humanos e, portanto, ontologicamente sociais, passamos a construir a nossa história só exclusivamente com a participação dos outros e da apropriação do patrimônio cultural da humanidade. Neste processo de intermediação, o papel da linguagem é o principal instrumento simbólico de representação da realidade, e desempenha papel fundamental na transformação das funções psicológicas elementares como a memória em superiores como o raciocínio e atenção voluntária, que está relacionada com a mediação da linguagem, sendo a principal à vontade, possibilitando a emergência de outras funções.

O confronto das concepções iniciais de mundo da criança apresentadas pelos parceiros de seu ambiente torna-se apropriação de significados diferenciados que, dialogicamente, constituirão sentidos a serem negociados. Quando referimos a estes estamos valorizando as trocas de parceiros em sala de aula, nas interações que o conceito científico e cotidiano

pode ser bem detalhado pelo professor e tornar enriquecido pelo conhecimento científico, elaborado historicamente.

As interações sociais na perspectiva sócio-histórica permitem pensar um ser humano em constante construção e transformação, o ponto de partida desta reflexão conforme Martins (1997) encontra-se no valor da teoria Vygotskiana, que dá a este processo em nosso caso específico, como educadores, para a intervenção pedagógica na construção de conhecimento realizado dentro de Zona de Desenvolvimento Proximal.

Desta forma, reforça o papel desafiador que o professor deve exercer em seu trabalho com os alunos, que precisará manipular conceitos e realidades que já conhece, para chegar a saberes até agora ignorados. O aluno sugere respostas e chega a resultados que lhe permite alcançar novos níveis de conhecimento, informação e raciocínio, isso ocorre entre as pessoas que em primeiro lugar se constrói o conhecimento, e depois acontece nas relações intrapessoais.

Sendo assim, é importante destacar aqui a necessidade das interações sócio-afetivas. Segundo Amorim (1994) é de suma importância a relação do professor com o aluno. Na escola, sobretudo na Educação Infantil, a relação com o professor é o eixo de todas as relações e produção. Essas relações são marcadas por encontros e desentendimentos, erros e acertos e, por meio do cuidado emocional e físico, o vínculo entre a criança e o professor vai consolidando:

É, sobretudo com o corpo, mediado pela palavra, que a criança constrói seus vínculos afetivos e suas formas de convivência social. O que se propõe é que, através de jogos corporais, possam ser enriquecidas a vivência e a produção de diferentes aspectos da relação professor-turma e da relação entre pares (AMORIM, 1994, p. 89).

Amorim (1994), afirma que o caminho e cuidado corporais fortalece o vínculo entre crianças e professores. No entanto, é principalmente o professor que nomeia a singularidade da criança. Ele chama seu nome diretamente e guia suas palavras, olhos e gestos. Aponta assim, no espaço coletivo da instituição escolar, a existência de espaço próprio em que a criança poderá afirmar sua

diferença: “Eu, chamada fulaninha de tal, quero isto e não aquilo” (AMORIM, 1994).

Para Amorim (1994) a conquista básica que uma criança deve alcançar no início e em cada momento da vida escolar, é sua singularidade com os outros. A singularidade foi estabelecida por outra pessoa que a nomeou e a achou única. Na escola, esse outro, básico e decisivo, é representado pela imagem do professor. Não raro, o professor confunde o reconhecimento da singularidade das crianças com submissão a suas vontades:

A marca da singularidade será inscrita em tudo aquilo que a criança produz. No que fala e no que faz. Nos objetivos e lugares que escolhe e que prolongam seu corpo na delimitação de um território próprio. Reconhecer, valorizar e promover o convívio entre tantas diferenças que compõem uma turma de alunos é o desafio primordial do professor. Uma vez constituído e permanentemente reassegurado o vínculo com a professora, a criança poderá voltar-se para seus pares, sem que exclusivamente ameça de divisão, nos afetos e atenções da professora (AMORIM, 1994, p. 91).

Segundo Amorim (1994) o conhecimento traduzido pela professora é colocado em sala de aula, como objetivo de trabalho, é algo que não foi produzido na sala, nem naquele tempo e local e muito menos na classe social: “é o próprio instituído que, na medida em que se mostre e se permita analisar, estará sendo superado pelo instituinte que a produção dos alunos representa” (p. 100). É com as referências de sua comunidade e de seus pares na sala que a criança irá interpretar o conhecimento instituído:

A importância do modo de relação grupal, na sala de aula, é exatamente a de revelar, e a cada instante atualizar, o quadro de referências com que a criança enfrentará o saber escolar. Esse quadro de referências da vivência da criança, em sua comunidade de origem. Já que o professor, em seu papel, não é apenas um indivíduo ou uma pessoa e sim representante de um grupo que o transcende e nele se presentifica, é necessário que, na interação com o aluno, este último possa igualmente assumir seu papel social (AMORIM, 1994, p. 100).

Neste sentido, para Amorim (1994) a interação do professor com o aluno o motiva a construir seu conhecimento, a fim de fornecer novas conexões para novos conhecimentos. O professor, em seu papel, não é apenas um indivíduo ou uma pessoa, mas um representante de um grupo que o transcende e existe

nele, é necessário interagir com os alunos, que também podem assumir suas responsabilidades sociais.

Wallon (*apud* WEREBE, 1986) é outro importante pensador que discute a importância da interação social na formação do sujeito. Werebe (1986) expõe os pensamentos wallonianos demonstrando que desde cedo entre as crianças, ocorrem interações sociais ricas e variadas. Werebe e Nadel (1986) argumentam que essas relações são mais livres e mais facultativas que as que podem ocorrer na família, pois dá a criança o direito de escolha de seus pares de brincadeira e de interromper as ligações quando desejar. Portanto, as preferências inerentes da criança determinam a escolha da amizade e o momento em que ela será interrompida. Além disso, sua posição no grupo também vem de seu próprio comportamento.

Para Wallon (*apud* WEREBE e NADEL, 1986) a criança pode viver na escola a experiência da solidariedade, que lhe permitirá aprender, pela interação social com seus pares, a “defender-se” contra as pressões e repressões do mundo dos adultos, da educação. Os grupos infantis, organizados dentro ou fora da escola, preenchem frequentemente esta função de “defesa” e “oposição” ao mundo adulto:

[...] o grupo infantil é indispensável à criança não somente para sua aprendizagem social, mas também para o desenvolvimento da tomada de consciência de sua própria personalidade. A confrontação com os companheiros permite-lhe constatar que é uma entre outras crianças e que, ao mesmo tempo, é igual e diferente delas (WALLON, 1959 *apud* WEREBE, 1986, p. 25).

Segundo Wallon (*apud* WEREBE e NADEL, 1986) as relações sociais são conflituosas entre competição, confronto e rejeição no ambiente escolar daquelas vividas no ambiente familiar. Mas, observa que aquelas, às vezes, podem ser um prolongamento e que o mais importante na escola é que os educadores podem ter interferências positivas na organização da vida social escolar, devendo estes, no entanto, cuidar para não incorrerem nos erros da educação tradicional, que cuida dos alunos apenas individualmente: “dificultando ou impedindo a expressão da sua sociabilidade, negligenciando ou reprimindo os grupos infantis”. A esse respeito, Wallon faz uma observação importante a fim

de realizar adequadamente o trabalho em equipe na escola para realmente beneficiar as habilidades sociais das crianças.

Werebe e Nadel (1986) apresenta que o ensino apoiado pelo modelo walloniano leva em consideração as necessidades primordiais da criança, seu comportamento e aquisições cognitivas nas diferentes idades e situações diferentes. Portanto, esclarece que é necessário compreender os comportamentos dominantes de cada fase do desenvolvimento e os objetivos das crianças para eles, bem como suas prioridades de adaptação, de forma a prevenir desastres e insucessos escolares e orientar melhor a prática educativa:

Quando as tarefas escolares não se adaptam à prática da criança, quando não se leva em conta suas necessidades e objetivos presentes, quando nunca se lhe permite a “escolha das armas”, as atividades escolares constituem um “funcionamento forçado e empobrecido”, talvez mesmo uma função privada de objeto (WEREBE; NADEL-BRULFERT, 1986, p. 28).

Wallon (*apud* WEREBE e NADEL, 1986) lembra que: “é importante se ter em mente, para o ensino, que na criança a ligação entre a linguagem com os objetos e situações não é imediato” (p. 28). Pelo contrário, a tradução verbal de pensamentos muitas vezes engana a criança e às vezes substitui sua experiência direta com as coisas. Por exemplo, quando as crianças entram na escola, o conflito entre a linguagem e as coisas não só persiste, mas também se intensifica se o ensino for muito abstrato e verbalista. É por isso que o conhecimento escolar costuma ser artificial e totalmente desligado da realidade a que deveria corresponder.

Após os estudos realizados neste capítulo é possível inferir a importância da interação social na construção da educação do sujeito no processo da sua formação, portanto, a aprendizagem é o resultado da interação contínua entre os sujeitos. Para Vygotsky, a interação em sala de aula são fundamentais para a formação da criança, pois a interação entre troca de conhecimentos e experiências, e influencia no processo de amadurecimento cognitivo das crianças. A interação social entre criança-criança e professor-criança permitem a extensão do universo social educacional da criança, instigam o avanço da aprendizagem dos conceitos, portanto, a interação social é uma parte importante do processo de ensino-aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo ao qual se propôs esta Monografia foi compreender qual a importância da interação social no processo de aprendizagem e desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil. Para isso, fez-se no primeiro capítulo a discussão acerca da aprendizagem e do desenvolvimento da criança na perspectiva vygotskyana apresentando as concepções e as possibilidades de ocorrer esse processo através das interações sociais. No segundo capítulo fez-se um esforço de compreender a importância da interação social no processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança na Educação Infantil.

A interação social assume um papel de suma importância na Educação Infantil, principalmente quando se instigam um desenvolvimento e uma aprendizagem significativa, essa interação entre meio e indivíduo é fundamental nesse processo. A criança internaliza a interação com o meio ambiente e, assim, se desenvolve de fora para dentro. A cultura é uma das principais influências do desenvolvimento psicológico, pois mostra os caminhos e características de sua conexão com o mundo.

Para Vygotsky a mediação ocorre por meio da interação com instrumentos, signos e linguagem simbólica. A linguagem é social quando é socialmente construída e aparece no grupo para que os humanos possam se comunicar. Portanto, a linguagem tem função social, a aquisição e desenvolvimento melhora a qualidade da relação de um sujeito com o mundo e com os outros, podendo ela se expressar e compreender melhor os outros, ou seja, melhorar suas interações sociais. Sendo assim, a linguagem é uma co-construção humana que tem o significado e a importância da construção cultural dentro de um grupo.

O processo de aprendizagem e de desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil, é muito importante, pois este pode acompanhar, no decorrer do desenvolvimento infantil, o desenvolvimento da manifestação do pensamento e da expressão verbal ou não das crianças. O conhecimento que a criança



aprende compartilhar, ou seja, o saber, obtém uma forma mais sistemática de conhecimento baseada em informações do senso comum, do dia a dia da criança. O papel da educação como escola é essencial para o conhecimento sistemático, pois mostra o caminho para o aprendizado. Neste sentido, a criança constrói sua própria aprendizagem, impulsionando seu desenvolvimento, ou seja, sendo um sujeito ativo da sua formação integral.

Portanto, o processo de aprendizagem e de desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil, no meio geral onde a criança está inserida, é significativo para construção da sua identidade. A interação é muito importante, para que adultos e crianças possam conviver e construir formas de cooperação para um desenvolvimento integral das crianças.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. **Atirei o pau no gato** – A pré-escola em serviço. São Paulo: Brasiliense, Edição: 7. ed.1994.

ANTUNES, Celso. **Interações, Brincadeiras e Valores na Educação Infantil**. 1ªed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

BARBOSA, Maria C. S.; HORN, Maria da Graça S. **Projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. Série Ideias n. 28, São Paulo: FDE, 1997.

OLIVEIRA, Marta Khol de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo, Scipione; 5ª edição, 2010.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. Rio de Janeiro, Vozes, 1996.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; MELLO, Ana Maria; VITÓRIA, Telma et. al. (Org.). **Os fazeres na Educação Infantil**.12 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941- . **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico] / Antônio Joaquim Severino. -- 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WEREBE, M. J. G.; NADEL-BRULFERT, J. **Henri Wallon**. São Paulo: Ática, 1986.